

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Luzes Negras, Século XXI: Eça de Queirós e a Desconfiança que Ainda nos Governa

Publicado em 2026-03-13 19:17:28



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mata... e a desconfiança” (texto no *Distrito de Évora*).

- **O mecanismo:** energia para impostos; lentidão para reformas e cortes de despesa.
- **O cansaço nacional:** discussões estéreis, mudança de pessoas e programas “novos” que repetem o velho.
- **Contexto económico recente:** em 2025, a remuneração bruta total mensal média por trabalhador foi de **1.694€** (INE).
- **Pressão fiscal:** rácio impostos/PIB em Portugal de **35,1%** em 2024 (OCDE).

Luzes Negras, Século XXI: Eça de Queirós e a Desconfiança que Ainda nos Governa

“O que verdadeiramente nos mata... é a desconfiança.”

— Eça de Queirós

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dominado por uma **desconfiança em cadeia**, onde ninguém acredita em ninguém e, por isso mesmo, o Estado começa a parecer uma maquinaria sem alma, que funciona por inércia e por medo.

Eça faz o inventário do mal como quem acende uma luz num quarto fechado: o povo não confia nos ministros, os ministros não confiam no parlamento, os eleitores não confiam nos mandatários, a oposição não confia em si mesma. A consequência é inevitável: a **confusão** e a **indiferença**. O espírito nacional cansa-se. Não por impaciência — mas por saturação. (Quando a esperança falha repetidamente, a alma aprende a não apostar.)

A política como torneio de palavras

O golpe de génio do texto é este: Eça não critica apenas a corrupção, nem apenas a incompetência — critica a **estética da política** quando ela substitui a realidade. “Grandes torneios de palavras”, “discussões aparatosas”, “análises”, “cogitações”... e, no fim, o país vê “os mesmos homens” a pisar o mesmo solo, com “os mesmos ameaços de fisco” e a “mesma gradativa decadência”. Há aqui um mecanismo que reconhecemos hoje sem esforço: a política transformada em **ruído**, onde o som ocupa o lugar do acto.¹

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

limita-se a gerir **percepções**. E um país governado por percepções é um país que se habitua à névoa — e depois surpreende-se quando tropeça.

Energia para empobrecer; sono para reformar

Há uma frase que merecia ser gravada em pedra no átrio de cada ministério: Eça diz que só há energia e actividade para actos “que nos vão empobrecer e aniquilar”, e que só há “repouso, moleza” para medidas fecundas que podiam adoçar o caminho. Traduzido: o Estado acelera para **cobrar** e desacelera para **melhorar**.²

Ora, um país moderno não se mede por slogans nem por campanhas: mede-se pela capacidade de combinar **carga fiscal** com **serviços públicos e instituições** que devolvam dignidade ao cidadão. A OCDE coloca o rácio impostos/PIB de Portugal em **35,1%** em 2024. Isto, por si só, não é condenação — é uma exigência: com esta carga, o Estado tem obrigação de funcionar como relógio, não como labirinto.³

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sobrevivência em vez de o transformar em **ascensão**. Em 2025, a remuneração bruta total mensal média por trabalhador foi de **1.694€** (INE). O número é útil para perceber uma coisa simples: com salários comprimidos e custo de vida a morder, o país tem menos margem para absorver choques — e qualquer contrariedade externa vira tempestade interna.⁴

E quando a margem é curta, a desconfiança cresce: o cidadão sente que paga muito e recebe pouco; sente que o sistema exige tudo e devolve quase nada; e, a partir daí, a ligação moral entre Estado e povo começa a quebrar-se. É exactamente esta ruptura — não a falta de discursos — que mata um país.

A repetição: a dolorosa comédia

Eça descreve a repetição como tragédia lenta: “o país... está cansado”; o poder anda num “certo grupo” que guarda “as insígnias e o segredo dos oráculos”. Hoje chamaríamos a isto captura, carreiras fechadas, porta giratória, nepotismos com gravata limpa. O nome muda; a mecânica mantém-se.⁵

O mais perigoso não é a revolta; é a **indiferença**. Porque a indiferença é a rendição sem barulho: o cidadão deixa de esperar, deixa de exigir, deixa de acreditar. E quando a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Ler Eça hoje é desconfortável porque nos devolve uma pergunta que não se resolve com insultos nem com nostalgia: **quanto do nosso presente é herança cultural, e quanto é escolha política continuada?** O texto não nos pede apenas indignação; pede lucidez. E a lucidez, quando é verdadeira, conduz inevitavelmente a uma coisa perigosa para os poderes instalados: **exigência.**

Se a desconfiança é o veneno, a cura não são promessas — são actos repetidos, transparentes e verificáveis: instituições que funcionam, justiça que chega a tempo, serviços que respeitam o cidadão, e uma economia que constrói músculo em vez de apenas resistir ao dia seguinte. Quando isso existir, então sim, Eça poderá finalmente ser lido como literatura — e não como relatório.

Referências

- Eça de Queirós — “O Que Verdadeiramente Mata Portugal” (texto reproduzido em repositórios públicos).⁶
- INE / GEE — Remuneração bruta total mensal média por trabalhador (2025: 1.694€).⁷
- OCDE — *Revenue Statistics 2025* (Portugal; tax-to-GDP 2024: 35,1%).⁸

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

NOTA EDITORIAL

O que mais me incomoda, desde tenra idade, não é apenas a pobreza — é a forma como um povo inteiro aprende a suportá-la, como se fosse um fenómeno natural, como se a miséria fosse chuva de Inverno e a servidão fosse uma lei da biologia. Incomoda-me a normalização do intolerável: o tratamento de escravidão disfarçado de “ordem”, a humilhação disfarçada de “realismo”, a resignação apresentada como “bom senso”.

Há qualquer coisa de **profundamente perverso** quando a sociedade se habitua a salários que não chegam, a reformas que não permitem viver, a serviços públicos degradados, e ainda assim responde com um encolher de ombros — como se a vida fosse isto, e não pudesse ser outra coisa. Não aceito essa ideia. Nunca aceitei. Porque não é natureza: é sistema. É arquitectura social. É escolha política repetida durante tempo suficiente para se fingir destino.

E o mais grave é que esta servidão não se impõe apenas de cima para baixo; ela infiltra-se na linguagem, nos hábitos, no modo como nos ensinamos a pedir pouco, a esperar pouco, a exigir quase nada. A certa altura, já

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Eu recuso-me a viver num país onde **a pobreza é tratada como inevitável e onde a dignidade é negociada como favor**. Escrevo precisamente por isso: para nomear o que muitos preferem esconder, para retirar o véu às palavras mansas que protegem a injustiça, **e para lembrar — a mim e aos outros — que um povo só fica condenado quando deixa de se ver como livre.**

Francisco Gonçalves

in Fragmentos do Caos (2026). Fragmentos do Caos —
Nota editorial

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)